



revista de
POLVOREIRA

GUIMARÃES

Teria, Inês de Castro, estado em Polvoreira, no ano de 1340?

passado

presente

futuro

JANEIRO 2021

Número: 37

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA



freguesia de Polvoreira



As eleições presidenciais na nossa Freguesia



RESULTADOS

INSCRITOS: 3104 VOTOS BRANCOS: 27
 VOTANTES: 1668 VOTOS NULOS: 12

Marisa Matias: 40
Marcelo Rebelo de Sousa: 1123
Tiago Mayan: 63
André Ventura: 145
Vitorino Silva: 61
João Ferreira: 35
Ana Gomes: 162

PR 21

Vida Feliz, webinar

27 janeiro, 14h30

A importância do programa **Vida Feliz**
O impacto da pandemia na vida e saúde dos seniores



A Tempo Livre promove, no próximo dia 27 de Janeiro, uma sessão online para debater a importância do programa de atividade física para seniores - "Vida Feliz" - e o impacto da interrupção do projeto como consequência da pandemia. Esta iniciativa, organizada pelo Centro de Estudos do do Desporto (CEDG) e Serviços Desportivos (SD) da Tempo Livre, tem como objetivo reunir os principais intervenientes no programa a fim de debater os propósitos do projeto. Pedro Ferreira, coordenador do Vida Feliz descreve o programa e o seu funcionamento;

Catarina Ferreira, coordenadora do projeto social "+Vida" na Junta de Freguesia de Nespereira, vai falar sobre o impacto da pandemia na população sénior;

Margarida Correia-Neves e Nadine Santos, investigadoras e docentes no Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde da Escola de Medicina da Universidade do Minho, apresentam as estratégias gerais para um envelhecimento saudável;

Conceição Ferreira, utente do programa Vida Feliz, vai partilhar connosco a sua experiência.

Polvoreira foi uma das três freguesias onde Marcelo teve mais votos em Portugal, se excluirmos as das regiões autónomas. E, por outro lado, foi daquelas em que os extremos mais afastados ficaram do centro.

Numa análise objectiva de quem pretende colocar-se ao centro do espectro político vigente em Portugal, o regime que defende o centrismo ganhou ao extremismo por 89%.

Em Polvoreira a voz de protesto da extrema-direita, protagonizado pelo Chega, foi emitida apenas por 145 eleitores, 25% inferior à média nacional.

Naturalmente, que não fazemos juízos de valor de qualquer espécie sobre a opção ideológica de cada Polvoreirense, desde que respeite as normas legais da Constituição que nos rege, a pedra basilar da nossa democracia.

Também, por outro lado, como democratas que somos, aceitamos que a nossa Constituição não é uma Bíblia que nos foi ditada em um qualquer Monte Sinai e, conseqüentemente, pode ser revista dentro dos parâmetros que ela mesmo prevê.

É este o ideário democrático por que nos devemos reger, na nossa opinião, claro. Como defensores intransigentes de um regime democrático, gostaríamos, contudo, de aqui chamar a atenção para que as opções políticas que tomamos devem assentar em valores sociais e humanos e não em discursos inflamados de ódio, ou em análises superficiais de factos que procuram assustar e infantilizar o raciocínio.

A Direcção

Escola Básica da Quinta do Vale

O recinto desportivo da nossa escola acaba de «ganhar» uma nova cor. Com o apoio do Município de Guimarães foi aplicado um **RELVADO SINTÉTICO**, no recinto, criando assim, as melhores condições para que os nossos alunos pratiquem desporto com mais segurança e qualidade.

Está atento ao cumprimento dos teus deveres junto da Autoridade Tributária e Aduaneira!

ATUALIZAÇÃO AGREGADO FAMILIAR ATÉ 15 DE FEVEREIRO

ENTREGA DE DECLARAÇÃO DE IRS 1 DE ABRIL A 30 DE JUNHO

VALIDAÇÃO DE FATURAS ATÉ 25 DE FEVEREIRO



Nº 37 JANEIRO 2021



Macau Dili

04 e 05

Padre Isaac

A Viagem de um Destino
cap. X



06 e 07

Associativismo

A Solidão nos Lares de Idosos

Notícias do Escutismo em Polvoreira



08

dos porquês...

A Pandemia,
O Confinamento,
A Taxa de Desemprego



09

da saúde...

José António Silva,
residente no CliHotel, homenageado
pela Junta de Freguesia de Polvoreira



10 e 11

Escola de Polvoreira

Atividades Escolares

Crónica de Sara Freitas.



12 e 13

**Da nossa janela...
Ciência**

As Eleições Presidenciais 2021
Página de Ciência, artigo de Mota Reis



14

Os nossos colaboradores

Nuno A.P.O.E. de Abreu

Inês de Castro
Terá estado em Polvoreira em 1340?

Imagem de capa obtida através do site "Rainhas de Portugal"



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Inicia-se o último ano do nosso mandato. E não estou aqui a usar o plural majestático mas apenas a falar em nome de todo o executivo desta Junta.

Iniciamos este mandato em condições muito difíceis. Com uma freguesia em dissonância com uma paróquia. Com uma paróquia dividida. Com Associações de costas voltadas para as instituições hierárquicas em que se integram. Com o virar de costas de muitos paroquianos à sua Igreja. Mas, diga-se em abono da verdade, que, apesar disso, nos congratulamos por terem pago, até ao último cêntimo, as obras que foram efectuadas na sua Igreja.

Depois, a meio do mandato, surge uma pandemia. Sem possibilidade de qualquer previsão, repentinamente, as prioridades do executivo são alteradas. Muitas das iniciativas que haviam sido programadas foram-nos coartadas.

Mas mesmo assim, em tempos de tempestade, procuramos manter o nosso rumo. Rumo que tem como destino a procura de dotar a Junta e as associações dos Polvoreirenses, quer sejam de natureza civil, quer de natureza religiosa, dos meios necessários para prosseguirem os objectivos estatutários a que se propuseram.

Como demos conta, no Editorial do último número da nossa Revista, dotamos o Parque Desportivo da Valinha com um terreno que permite ampliar o existente aproveitando fundos camarários disponíveis.

No próximo dia 1 de Fevereiro, está marcada a outorga da escritura para regularização dos terrenos do cemitério da freguesia, processo que se arrasta, há já quase uma vintena de anos.

No dia 4, do mesmo mês, está marcada a outorga da escritura para a aquisição da fracção onde a FNA exerce, e continuará a exercer, a sua actividade, agora em regime de comodato, solvendo definitivamente um débito que sob a associação pendia e possibilitando-lhe o exercício da sua actividade em condições económicas bem mais favoráveis.

Estamos a trabalhar intensamente para que o Agrupamento 200, o Agrupamento de Escuteiros da nossa freguesia, possua uma sede própria sem necessidade de pedir autorização prévia para instalar um simples presépio nas instalações que actualmente ocupa.

Já agora, e a propósito do escutismo em Polvoreira, o executivo desta Junta promoverá a realização de um evento, comemorativo dos oitenta anos da sua institucionalização na nossa freguesia, logo que as condições sanitárias o permitam.

Por tudo isso podemos afirmar que, malgrado esta pandemia, o ano de 2021 será para Polvoreira e para todos os Polvoreirenses que amam a sua freguesia, e não a querem exclusivamente explorar, um ano de esperança.



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - **costagustreiro,lda** - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



O Padre Isaac

parte X

A VIAGEM DE UM DESTINO

A rota de avião de Lisboa a Atenas tem 4234 quilómetros e a viagem, via Suíça, demora 6 horas e trinta e cinco minutos, mais uma escala em Genebra.

A rota de Macau para Dili tem 3.660 quilómetros e o Padre Isaac, demorou em 1959, oito dias e fez escala em três países antes de lá aportar. Uma verdadeira aventura.

Mas contemos a epopeia.

Depois de se despedir do Reitor do Seminário, que lhe deixou tantas saudades, o jovem Isaac, pela manhãzinha, de malas feitas, rumou ao porto de Macau para tomar um barco para Hong Kong.

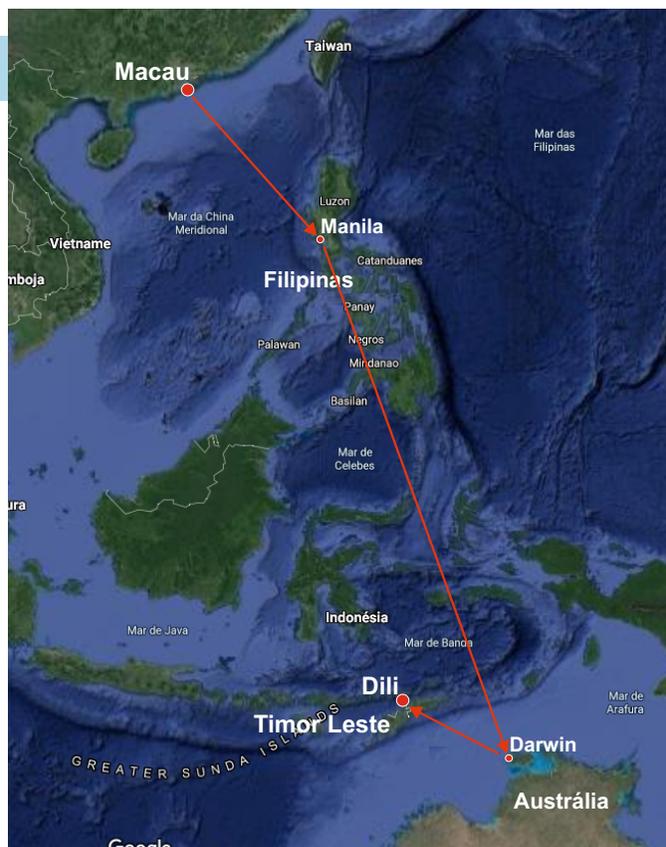
O Seminário havia contratado uma agência de viagens - que o Padre Isaac, ainda hoje, recorda ter feito um excelente trabalho - para tratar da complexa deslocação. A duração desta primeira viagem foi relativamente curta, pouco mais de uma hora. O jovem Isaac recebera instruções para não desembarcar sem que alguém com ele contactasse, e assim fez. E já todos os passageiros tinham abandonado o barco, quando apareceu um funcionário da agência que tratou de toda a burocracia e o conduziu a uma casa de sacerdotes católicos onde almoçou. O funcionário da agência combinou a hora a que viria buscar o Padre Isaac para o conduzir ao aeroporto e, efectivamente, à hora acertada lá compareceu para o conduzir ao aeroporto de Kai Tak, situado a leste da baía de Kowloon e considerado um dos aeroportos internacionais mais perigosos do mundo. Como dá conta o Padre Isaac, não só tinha uma pista relativamente curta como em frente desta tinha uma montanha que exigia grande velocidade ao avião de forma a permitir-lhe atingir altitude suficiente para a ultrapassar.

A caminho do aeroporto, no táxi, o funcionário, cuidadoso, avisou o Padre Isaac que tivesse cuidado com os seus pertences porque a zona nas mediações do aeroporto estava povoada de assaltantes.

Quando chegou, entrou logo no avião, era o único que ainda faltava. Foi ocupar, imediatamente, o lugar que o assistente de bordo lhe indicou e ficou deslumbrado. O avião pertencia à "Qantas", uma empresa aérea australiana, a 3ª mais antiga do mundo, fundada em 1920, e já operava internacionalmente desde 1935, precisamente no ano em que nascera o Padre Isaac.

O avião tinha cinco filas de cadeiras, separadas por um corredor, duas do lado direito, três do lado esquerdo. O jovem Isaac, impante, ocupava uma cadeira junto ao corredor, ao centro do avião. Um lugar confortável que lhe permitia levantar-se sem incomodar ninguém, para se dirigir às casas de banho satisfazer as suas necessidade fisiológicas ou fumar o seu cigarrito.

Mas, de repente, surge a tempestade. Um poço de ar faz abanar todo o avião. E durante aquela viagem a situação repetiu-se por cinco vezes! Constantemente os avisos: "Ne pas fumer"; "No smoking". A mobilidade que tanto havia concorrido para o bem-estar do Padre Isaac perdera-se. Mas, pior que tudo. Ao lado do padre Isaac, sentava-se uma senhora já de certa idade. As tremiliqueiras do avião pareciam não a incomodar e, pacificamente, adormeceu pousando delicadamente a cabeça no ombro direito do jovem Isaac. Respeitador da idade, deixou-se ficar muito quieto para não acordar a anciã. Lá se foi o cigarrito!



Até que a tempestade amainou, os poços de ar desapareceram e a travessia tornou-se mais calma, acabando numa aterragem sem qualquer incidente, sem o menor solavanco, após oito horas e meia de viagem.

Ao entrar na sala de desembarque, Isaac deu conta que entrava noutro mundo. Estava nas Filipinas, na capital, na cidade de Manila. Os funcionários alfandegários examinaram-lhe minuciosamente as malas de viagem revirando todos os seus pertences, sempre com umas carrancas impressionantes. De seguida, pulverizaram-no com uma substância qualquer como se fosse portador de algum vírus. Sentiu-se tratado apenas como "uma coisa" e ficou com uma impressão extremamente negativa daqueles alfandegários.

Mas tudo seria esquecido pouco depois. A eficiência da agência de viagens ressaltava mais uma vez repondo o bem estar do Padre Isaac. Na sala de desembarque, veio ao encontro do, então, jovem Isaac uma também jovem senhora. Sabia o seu nome e arrastou-o para outra divisão a pequena distância da sala alfandegária, não com qualquer intenção maliciosa em que se possa estar a pensar mas apenas para com ele falar.

Eram quase três horas da madrugada. Sentaram-se a uma mesa. A jovem disse-lhe que fora encarregada pela agência para lhe fazer companhia, durante aquela hora de espera pelo avião que o levaria para Darwin, cidade costeira a Norte da Austrália. Conversaram naturalmente, sobre banalidades. A jovem acompanhante falava fluentemente o português mas com um nítido sotaque crioulo. Curioso, o jovem Isaac perguntou-lhe de onde era ao que ela, orgulhosamente, respondeu:

- Sou Portuguesa. E acrescentou: - Portuguesa de Macau! O Jovem Isaac sentia-se feliz. Feliz por ser um alguém. Alguém que merece atenção especial de um outro alguém que nascido a cerca de onze mil quilómetros do lugar onde ele nascera, tem orgulho em dizer que é da sua Pátria.

segue página 5

O Padre Isaac

parte X

Entretanto, chegara o avião para Darwin. Quando nele entrou, o jovem Isaac constatou que não tinha a imponência do anterior em que viajara. Mas, por outro lado - confirmou depois - que a viagem foi bem mais serena.

Chegou a Darwin pela madrugada, estava a despontar a aurora. E, desde logo, se confrontou com um mundo bem diferente daquele que encontrara ao aterrar em Manila. Aqui, os funcionários alfandegários, simpáticos e todos sorridentes, apenas o confrontaram com as descrições do passaporte, sem preocupação alguma com a sua bagagem.

Antes de partir, o Reitor do Seminário informara o candidato ao sacerdócio, Isaac, teimosamente perseguindo o seu destino, que ao chegar a Darwin deveria informar os funcionários, no aeroporto, que necessitaria falar com o Sr. Patrício da Luz. Mais uma vez a exemplar organização da viagem deu provas.

- Mister Patrício Luz? – perguntaram-lhe.

Perante a sua afirmação - que sim - não foi preciso esperar muito tempo para que o Sr. Patrício Luz comparecesse na sua presença. Era, nem mais nem menos, o cônsul português naquela cidade australiana, um natural de Timor, um senhor que pôde por si mesmo constatar, ser muito estimado e considerado naquele território.

Apresentados, de imediato o Sr. Patrício Luz mandou chamar um táxi que percorreu os vários quilómetros que separavam o aeroporto do centro da cidade, onde se localizava a casa sacerdotal na qual permaneceria o jovem Isaac, até à sua partida para Timor. Na verdade, ao tempo, havia apenas um voo semanal programado entre Darwin e Dili. E o certo é que esse voo, realizado por uma companhia aérea portuguesa, se efectuara no dia anterior àquele em que o jovem Isaac chegara a Darwin. Ou seja, teria de permanecer naquela casa, durante seis dias.

Fazia, por essa altura, muito calor em Darwin, cidade que tem um clima quente durante todo o ano, raramente baixando dos 18 graus de temperatura. Por isso, Isaac, o candidato a sacerdote, passava o tempo na casa residencial, dela só saindo à noite, pela fresca, para dar umas voltas pela cidade. Nessas deslocações era acompanhado, sempre, por um sacerdote libanês que não morava naquela casa, mas que, todos os dias, ao fim da tarde, o aguardava, à entrada, e donde partiam os dois, calcorreando as ruas daquela cidade, considerada a mais multicultural da Austrália.

Entendiam-se em língua francesa, língua que o sacerdote libanês falava na perfeição e na qual, o Padre Isaac, também não era, perdoe-se-me a expressão, propriamente gago.

Mas o tempo passa depressa e o dia de partida para Dili chegou. Pelas oito e meia da manhã do sexto dia, o Sr. Patrício da Luz chegou à casa sacerdotal num táxi. Recolheu o jovem Isaac e com ele partiu para o aeroporto. O táxi chegou bem pertinho do avião. O tal avião português, com tripulação portuguesa, vestida de caqui e camisa branca e composta por apenas três membros: o piloto, o copiloto e o mecânico.

O único passageiro era ele: o jovem Isaac!

Iniciara a viagem postado a meio de um enorme avião australiano, atulhado de passageiros e com avisos constantes de “no smoking”, “ne pas fumer”, aos pulos lá dentro quando surgiam os poços de ar. Ia terminá-la numa pequena avioneta, passageiro



único, viajando bem juntinho da cabine do piloto, por deferência do mecânico, que lhe permitia visualizar toda a sua actividade.

Eram quase doze horas quando aterrou em Dili. O mecânico teve mesmo o cuidado de lhe chamar a atenção para os dois pequenos sinais luminosos que apareceram em ambas as asas da aeronave aquando da descida do trem de aterragem. O funcionário da alfândega, gordinho, todo vestido de branco perguntou-lhe a rir se por acaso trazia alguma pistola. A rir respondeu o Padre Isaac que nunca andava armado.

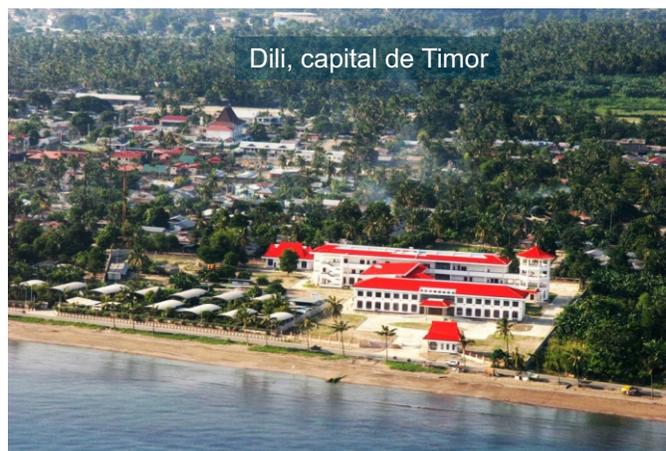
Esperava-o um jeep que o levou à casa episcopal. Almoçou com o Sr. Bispo e um sacerdote que ali residia. D. Jaime, o titular da diocese, disse-lhe que, em breve, o visitaria no seminário para acertar com ele o processo de ordenação. Logo a seguir ao almoço, foi o Jovem Isaac, conduzido a Dare, à casa sacerdotal, a cerca de cinco, seis quilómetros de Dili.

Após tantas peripécias eis que finalmente o jovem de Famalicão, que queria, contra tudo e contra todos ser sacerdote, chegava a Timor. Dali a alguns meses seria ordenado padre na pro catedral. Era a concretização do sonho de infância. Depois de milhares de quilómetros percorridos, da aprendizagem em várias instituições católicas espalhadas pelo mundo, ia, finalmente, cumprir o seu destino.

Por essas alturas, o Jovem Isaac pensava de si para si:

- Bem diz o povo: há males que vêm por bem. Se não fosse ter cruzado no meu caminho com o autoritarismo arbitrário e pedagogicamente incompetente de um indivíduo, não teria tido este percurso de vida. Acabarei por ser ordenado sacerdote, praticamente ao mesmo tempo daqueles que entraram comigo no Seminário da Senhora da Conceição. Mas quase de certeza nenhum deles teve este percurso de vida que me dá um alento muito importante para enfrentar os desafios que certamente ao longo dela me surgirão.

António Gomes





rubrica

Associativismo

Renata Benavente Psicóloga Clínica



O isolamento físico tem sido uma das ferramentas mais importantes para combater o avançar da pandemia e resguardar os doentes de risco.

É o caso dos idosos que têm sido dos mais aconselhados a ficar em casa para se protegerem. Mas este isolamento, que serve para prevenir a infeção, pode despertar sentimentos de solidão entre os mais velhos.

O impacto do isolamento para os idosos é ainda mais significativo devido à sensação de estarem a perder tempo na fase final da vida.

Este tempo que lhes está a ser retirado, de vida com qualidade e em relação com os outros, é um tempo precioso e que poderão não conseguir recuperar.

As consequências da solidão podem ir muito além do bem-estar mental, afetando a saúde física. Os estudos mostram que a solidão e o isolamento estão associados "a um aumento do risco de doenças cardiovasculares, à diabetes tipo 2, quadros psicopatológicos como depressão e ansiedade, mortes súbitas, obesidade, problemas de consumos de substâncias".

A ironia da situação decorre do facto de, ao proteger os idosos da Covid-19, se corre o risco de os expôr a outras patologias igualmente graves. E talvez este aspeto não esteja a ser valorizado. Estamos a fazer um esforço imenso para que as pessoas não fiquem infetadas mas estamos, eventualmente, a pô-las em risco por outras razões.



A pandemia veio alterar rotinas importantes entre avós e netos, com muitos aposentados a terem de deixar de prestar apoio como *babysitting*, nos trabalhos de casa. Para muitas destas pessoas, estas rotinas traziam significado importante às suas vidas e perder isto é doloroso. Sentirem-se um pouco como alguém que não tem qualquer utilidade.

Para dar a volta à solidão a psicóloga Renata Benavente considera que é preciso recorrer aos meios digitais e promover a literacia digital junto das pessoas idosas e dos profissionais que delas cuidam. É preciso também incentivar as famílias a promoverem esses contactos. E quem sabe, visitas presenciais! À janela ou separados por um acrílico ou um plástico. "Houve algumas estruturas que permitiram através da colocação de separadores transparentes que houvesse pelo menos o contacto visual."

Com o adiar das festas tradicionais, com a perda desses momentos de afeição, a solidão de alguns idosos, sobretudo de quem vive em lares, tende a aumentar. Antes da crise pandémica, essas pessoas vinham para junto dos seus familiares nem que fosse para passar aquele período festivo. Agora, provavelmente não vão ter essa oportunidade. Penso que a única hipótese de minimizar o sofrimento que estas pessoas com certeza sentirão, será as instituições internamente encontrem formas de acolher e de replicar um pouco daquilo que é o espírito da família.

Resumo de Reportagem TSF em 2.11.2020



Congratulamo-nos por, no Centro Social de Polvoreira, as pessoas se encontrarem felizes e não ter surgido qualquer surto pandémico. Parabéns pelo vosso trabalho.

E é com enorme prazer que republicamos dois testemunhos de gente que vive muito longe de nós:

Ester Serra, trabalha na Santa Casa da Misericórdia de Alenquer e Marcia Bordadagua vive em Coruche.

Marcia Bordadagua

Não conheço ninguém pois sou de longe mas tenho o mesmo trabalho k vocês e adoro-as pela maneira de como trabalham com os nossos idosos são alegres e contagiantes boa sorte e continuem

Ester Morgado Serra

Valorizo muito o vosso trabalho!! Além de ser duro vocês conseguem dar a volta ao texto e fazer tudo para que haja alegria para todos !!! Vocês são EXCELENTEs. Bem hajam

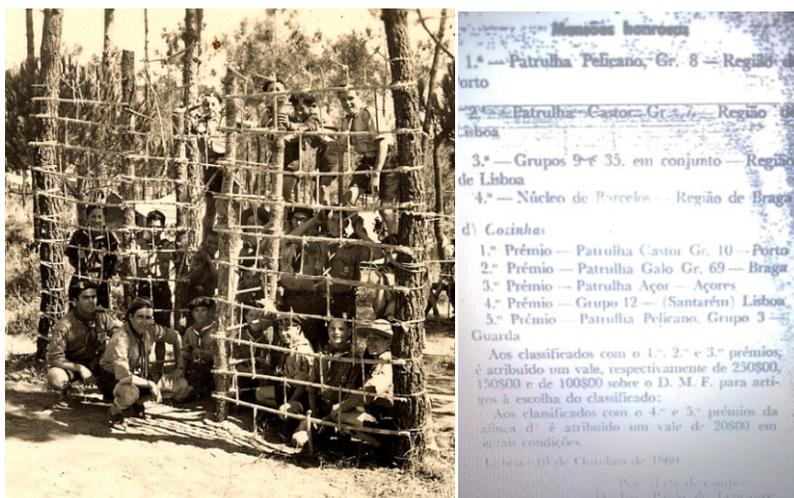




Ainda o Acampamento Nacional de 1960

Na revista do mês de Novembro lembramos, a páginas 12, o Acampamento Nacional de 1960, realizado na Quinta da Marinha, no Estoril, em Lisboa. Publicamos uma fotografia ilustrando o evento consubstanciada num pórtico de um acampamento onde identificamos os escuteiros presentes. Só que aquele não era o pórtico do Acampamento Nacional XI, no qual a patrulha Leão ganhou o 2º lugar na classe de melhor cozinha do acampamento, como a foto ao lado comprova. Queremos, contudo, realçar que a patrulha do Grupo 69 dos Escuteiros de Polvoreira vem denominada de Galo. Segundo alguns dirigentes essa foi a denominação que lhe foi atribuída naquele acampamento. Segundo outros trata-se de um lapso da Flor de Liz.

O extrato que publicamos é reproduzido de uma digitalização da Flor de Liz, de Novembro de 1960, e pode ser encontrada no site **Flor de Liz 2/25**.



Rectificações Justas

No mês passado, a propósito do aniversário da fundação do escutismo, escrevemos que D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo de Braga e o Dr. Avelino Gonçalves que, em Roma, tinham tido os primeiros contactos com o Movimento por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional. E que o Dr. Avelino Gonçalves fora professor de António Gomes que por, essa altura, era aluno de Teologia no Seminário Conciliar de Braga.

Ora acontece que tal afirmação não corresponde inteiramente à verdade. O Dr. Avelino Gonçalves não foi professor do fundador do Escutismo em Polvoreira. A quem nos queríamos referir era ao Cónego Martins Gonçalves, figura carismática daquele seminário.

Um outro reparo, um pouco mais relevante. O escuteiro deve ser modesto mas não tanto quanto o fomos naquele artigo.

Escrevemos que o Escutismo em Polvoreira, durante oito décadas, preparou mais de uma centena de jovens para a vida social. Mais de cem foram os jovens que em vários momentos da existência do escutismo na nossa freguesia, em simultâneo, dele fizeram parte. Naturalmente, quereríamos dizer largas centenas, para continuarmos a ser modestos.

O dever de ser reconhecido



No mês passado, interrompemos o depoimento saudoso de Bento Freitas da Silva, sobre a sua vivência escutista, em Polvoreira. Hoje em página diferente devido à miscelânea de temas, vimos recordar mais uma manifestação de gratidão e saudade daquele que, durante alguns anos, foi o guia da patrulha Leão do Grupo 69, do C.N.E., de Polvoreira.

"Naquele tempo foi meu chefe, Bento da Assunção Abreu, por casualidade meu primo, por casualidade também apadrinhado na pia baptismal, pelo mesmo casal de Covas: O Sr. Bento Gomes e a Sra. Rosa Pinheiro.

O chefe Abreu, como comumente conhecido na nossa vivência escutista, era um chefe competentíssimo, facto reconhecido em toda a área orgânica do escutismo em Guimarães e Braga. Eu era o Guia da Patrulha Leão, mas mantinha perante ele sempre uma atitude respeitosa pois jamais admitia qualquer acto de indisciplina. Devia ter lido muito sobre o escutismo porque ele sabia muito bem como explicar-nos, de uma maneira concisa, os nossos deveres escutistas. Estava, permanentemente, a criar jogos, a organizar passeios, a imaginar percursos de pistas, a preparar acampamentos. Sempre a imaginar desafios que pudessem motivar e manter activos os jovens escuteiros.

De certa forma, não me admirava muito pois sabia que o Chefe Assunção Abreu procurava frequentar todos os cursos de formação escutista tentando saber sempre mais. Foi um excelente chefe.

Por essas razões, ainda hoje, sendo seu familiar mas com pouca convivência efectiva, sempre que o encontro o trato e tratarei por chefe Assunção. Fico muito orgulhoso quando, falando com antigos escuteiros, de qualquer canto do país, constato que todos conhecem o chefe Abreu. Eu diria que se fosse na tropa ele chegava a General, tal era o seu empenhamento no movimento escutista.

Passados mais de 60 anos, quando vou a Polvoreira, tenho um prazer imenso em falar com o chefe Assunção Abreu. Que Deus lhe dê muita saúde, pois ainda hoje trabalha com muito amor pela F. N.A. O C.N.E a Fraternidade, a freguesia deve-lhe muito, pois a sua vida foi dedicada à freguesia.

Está na hora de fazer uma grande homenagem a este grande homem. É preciso que as forças vivas da terra reconhecem o trabalho feito em prol da freguesia As homenagens prestam-se em vida. Neste ano, em que se comemora, em Polvoreira, o aniversário dos oitenta anos de escutismo, deveria ser prestada uma justa homenagem aos que o renovaram, depois de alguns anos de estagnação. Lembro aqui, nomeadamente, o Padre Joaquim o padre Miguel Ângelo o chefe Assunção. Um grande desfile de escuteiros partindo da Cerca, lugar emblemático de tantos acampamentos em direcção à sede, onde deveriam ser condecorados pela Junta da freguesia, deveria ser realizado.

Mãos á obra rapaziada. Nem que seja de muletas lá estarei.



A Pandemia O Confinamento A Taxa de Desemprego

Entre Setembro e Novembro do ano passado, a taxa de desemprego desceu tendo sido criados novos postos de trabalho. Todavia, o novo confinamento voltou a causar o desemprego a milhares de pessoas, nomeadamente a jovens precários e com baixo salário

Analisando mais aprofundadamente os números, concluímos que o desemprego diminuiu face aos meses anteriores, mas que em termos homólogos, ou seja, face ao mesmo mês do ano passado, a taxa de desemprego - 7,2% em Novembro de 2020, e 6,5% em Novembro de 2019 - foi maior.

A comparação homóloga mostra bem a repercussão da crise no mercado de trabalho: menos postos de trabalho e mais desempregados. A recuperação da economia registada no terceiro trimestre, com o PIB a crescer 13,3%, face ao segundo trimestre em que tinha afundado, pareceu constituir um forte alento, um sinal de que a recuperação económica seria, como se deseja, em V. Isto é: caiu abruptamente mas também rapidamente recuperou.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, desde Maio do ano passado, 39,1 mil pessoas saíram da situação de desemprego e 56 mil pessoas entraram na população activa. Porém, é de notar, que as restrições à mobilidade influenciaram este indicador, dado que os desempregados só são considerados tal se estiverem disponíveis para trabalhar e activamente à procura de emprego, o que levou a atenção para outro indicador, desde Março: a taxa de subutilização do trabalho.

Esta taxa inclui a população desempregada, os que trabalham menos horas do que queriam, os inactivos à procura de emprego, mas que não estão disponíveis e os que estão disponíveis mas não procuram emprego. É uma taxa que também tem vindo a descer, mês a mês, chegando a 14%, mesmo assim superior aos 12,5%, de Novembro, do ano passado.

Todavia, a interpretação dos dados provisórios do INE, para Novembro, tem de ter em mente que os despedimentos não são imediatos, existindo um desfasamento entre as decisões e a efectiva contabilização estatística, e recordando-se ainda que apoios, como o do lay-off simplificado, obrigaram a manter o mesmo nível de postos de trabalho durante algum tempo.

"As próprias empresas podem estar a adiar decisões de despedimentos, consoante as expectativas relativamente à pandemia e à economia e a eventuais penalizações", adverte o economista João Cerejeira.

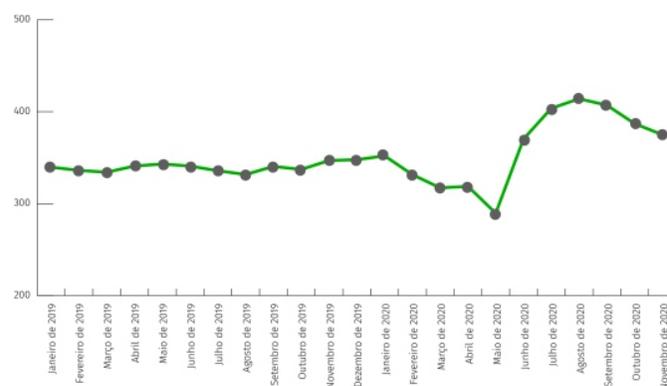
Tem ainda de se ter em conta que grande parte da queda do PIB foi absorvida por mais dívida do Estado.

Os números do mercado de trabalho "estão distantes da queda económica, incluindo os dos salários", nota aquele economista. A médio prazo, tudo dependerá de quanto tempo durarão as restrições mais apertadas para controlar a pandemia e também da recuperação económica deste ano. Se 2021 ficar abaixo das expectativas, o mercado de trabalho pode ressentir-se, tal como já antecipam a OCDE e o Banco de Portugal ao estimarem uma taxa de desemprego, em 2021, superior à de 2020, ao contrário das expectativas do Governo.

Na crise económica anterior, de 2008 a 2010, no primeiro ano ainda se aguentou. Mas depois, com as falências, os despedimentos aumentaram e tornou-se tudo muito mais complicado, refletindo-se em todo o mercado de trabalho a ponto de termos de ser socorridos pela troika. Agora, foram os mais jovens, os precários, quem trabalha no sector de turismo e os que têm os salários mais baixos a sofrer o maior impacto da crise pandémica

Com o novo confinamento generalizado, naturalmente que o objetivo do Governo é o de travar a pandemia. Procurar, com este novo confinamento, proteger a saúde dos cidadãos, mas a medida dura, que António Costa sempre defendeu que não poderia voltar a ser tomada, vai ter um forte impacto na economia. Vai pesar nas contas públicas, mas principalmente vai afectar as receitas de muitos sectores de actividade.

Da hotelaria à restauração, à cultura e ao automóvel, do pequeno comércio aos grandes negócios, todos temem o que aí vem. Os impactos da pandemia nos sectores da restauração não são novidade, mas são cada vez mais acentuados e, podem tornar-se dramáticos com o novo confinamento. Mas à semelhança da restauração, também o setor hoteleiro tem sido um dos mais afetados pela pandemia do novo coronavírus, uma vez que Portugal é em grande parte dependente do turismo e este novo confinamento, eventualmente sanitariamente necessário constitui uma forte machadada nas expectativas de recuperação que haviam sido criadas.



Este artigo de Mota Reis, assenta num trabalho da ECO

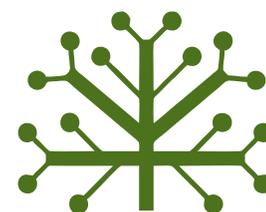


rubrica

da saúde

José António Silva, 97 anos, alfaiate e escuteiro

Residente do CliHotel homenageado pela Junta de Freguesia de Polvoreira



CliHotel
de Guimarães

Passou décadas a criar roupas masculinas sob medida. Perdeu a conta aos fatos que produziu, artesanalmente, com cortes retos e precisos e tecidos clássicos. Mas, no domínio das vestes, a verdadeira paixão do alfaiate José Silva, de 97 anos, residente do CliHotel de Guimarães há 11 anos, foi sempre o mesmo fato: o de escuteiro.

E foi precisamente por tudo o que fez pelos agrupamentos regionais do Corpo Nacional de Escutas que a Junta de Freguesia de Polvoreira o homenageou, enquanto filho da terra, no início deste ano, no Dia da Freguesia.

«Os escuteiros gostavam muito dele. Tenho pessoas que ainda me ligam hoje propositadamente a perguntar pelo meu pai. Tenho amigas que me ligam a dizer: "olha, como é que está o teu pai?". Mesmo agora, por causa desta pandemia, as pessoas têm carinho por ele, lembram-se dele. Já que não o podem ir visitar», explica Augusta Silva, a sua filha mais nova.

A par da alfaiataria e da família, pertencer aos escuteiros enche José António, ainda hoje, de orgulho.

«Ser escuteiro significa muito para ele.

Volta e meia, mesmo no lar, ainda veste a farda.

Adorou ser escuteiro.

Chegou a dizer que os melhores tempos da vida dele foi nos escuteiros», revela a filha, com um largo sorriso no rosto, por se estar a lembrar de algumas peripécias vividas pelo pai.

Augusta Silva recorda-se do dia em que o pai, e mais dois amigos, alugaram um autocarro para uma viagem de grupo e, para espanto dos três, apenas eles compareceram, tendo de suportar toda a despesa. Aos 80 anos, José Silva ainda trabalhava como alfaiate e até a TVI se rendeu à sua mestria, dedicando-lhe uma reportagem.



Após o falecimento da esposa, em janeiro de 2010, José Silva decidiu passar a viver no CliHotel de Guimarães. «Graças a Deus correu bem. Ele gosta de estar lá. Nota-se que está satisfeito. Elas brincam com ele e ele brinca muito com elas, há uma boa relação. O meu pai é uma pessoa muito comunicativa, gosta muito de falar, de brincadeiras», conta Augusta Silva, feliz por ter um pai «ainda autónomo» e que, para já, «só precisa de fisioterapia por causa das pernas».

Este contexto de pandemia condiciona, porém, quer a autonomia de José Silva, que gostava de ir merendar com os amigos no centro de Guimarães, quer as interações dele com a família. «Estou sempre a pensar se ele precisa de alguma coisa. Se precisa de cortar o cabelo. Ou as unhas. Ele sempre foi uma pessoa de muito brio e acredito que no CliHotel não se descurem os pormenores», afirma, com a preocupação natural de uma filha que só quer o melhor para o pai.

Aos 97 anos, José Silva continua a viver o ideal escutista. Comprometido consigo e com os outros.

À procura do melhor para todos.

CliHotel de Guimarães



rubrica

a nossa...

As actividades da nossa Escola da Quinta do Vale. 1.º Ciclo



O São Martinho



O Natal



O Dia do Deficiente

As práticas de escolarização em tempo de pandemia deveriam obrigatoriamente considerar as disposições seguintes:

1. Uma escola muito mais aberta que se cumpre para além das paredes das salas de aula, dos muros, das grelhas horárias e dos muitos confinamentos impostos no interior da escola física. Uma escola aberta teria de se realizar nos museus, nos auditórios, nas hortas e nas quintas do território. Como referia a profª Ana Paula, os alunos deveriam ser incentivados a sair, a observar, ruas, praças, espaços públicos e ver com olhos de ver a vida nas suas múltiplas formas e feitos.



Dia do Halloween

2. Um currículo formal muito mais magro e limitado ao essencial. De notar que neste essencial estão as artes, as tecnologias, as atividades físicas e desportivas e lógicas interdisciplinares integrativas e globalizantes. Vivemos sempre numa lógica acumulativa, (numa conceção bancária, como diria Paulo Freire) acrescentando sempre conteúdos, "matérias", disciplinas, de modo a encher (e a prolongar) todo o tempo semanal que ultrapassa as 30 horas. E a questão tem sido sempre "o que ensinar" na escola e praticamente nunca é, "hoje, o que é que já faz sentido ensinar? O que é que pode ser dispensável? O que é pura perda de tempo?"



Ciências Experimentais



As nossas atividades



O Pensamento Crítico

por Sara Freitas
Docente na Escola Secundária
de Fafe



A falta de pensamento crítico é uma das maiores lacunas dos estudantes da atualidade, frequentemente penalizador de sucesso.

Raquel Lemos, neuropsicóloga, no Podcast, Nota 20, da rádio Observador, dedicado ao pensamento crítico, refere que tal pensamento pode ser definido como a utilização de factos para criar julgamentos, e acrescenta que é preciso conhecer a evidência científica existente, ter uma nota de imparcialidade perante a leitura do problema, olhar para eles de vários pontos de vista, ser capaz de os julgar e, sobretudo, formar uma opinião sobre esse assunto.

O sentido crítico ajuda a distinguir a informação que tem valor daquela que é prescindível, a selecionar argumentos, a desmontar prejuízos, a encontrar conclusões bem fundamentadas, a criar alternativas, a melhorar a comunicação, a ter o seu próprio pensamento e agir em conformidade. Apesar de ser uma atividade cognitiva intimamente relacionada com a razão, a finalidade do pensamento crítico está orientada para a ação, sendo aplicável a qualquer aspeto do dia a dia, incluindo a resolução de problemas ou a tomada de decisões equilibradas e assertivas. É, sem dúvida, uma capacidade fundamental, nesta época de infodemia, para formar cidadãos mais conscientes, proativos, empreendedores e inovadores. No entanto, o conhecimento é a chave do pensamento crítico, uma vez que quanto mais soubermos sobre um determinado assunto, melhor poderemos pensar nele de forma crítica.

Daniel T. Willingham, no artigo "Como se ensina o pensamento crítico?", afirma: - "Pensar de forma crítica é, essencialmente, pensar de forma eficaz. Mas se não é possível desenvolver um sentido crítico sem uma base sólida de conhecimento", então, "um fator decisivo para a aprendizagem de novos conhecimentos, e talvez até o mais decisivo, é o conhecimento anterior e que os alunos já adquiriram".

Será o pensamento crítico essencial para a aprendizagem? Estudos recentes revelam que, até aos 3 anos de idade, o cérebro atinge 80% do volume total do adulto e que quanto maior é o estímulo mental das crianças, aos 4 anos, mais desenvolvidas serão determinadas partes do cérebro. É aqui que começa a idade dos porquês. E, de facto, algo tão simples como ler histórias a crianças irá fazê-las perguntar coisas. É, também, aqui que começa a construção do espírito e do pensamento crítico. Como se desenvolve? Alguns especialistas consideram que o pensamento crítico pode ser desenvolvido, sobretudo, se essa formação começar na educação básica.

Ser autodidata pode ajudar, quer dizer, ler, questionar tudo aquilo que se lê ou ouve, analisar detalhadamente a informação, principalmente se não se coadunar com as suas próprias crenças, e formar uma opinião.

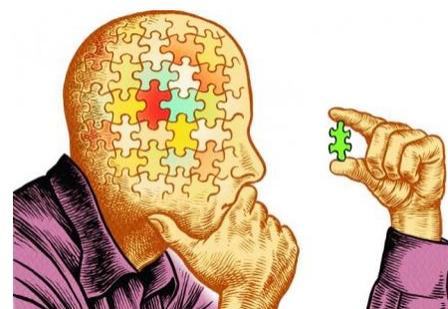
As vantagens de pensar criticamente são imensas, já que, através da postura curiosa, o aluno pesquisa, desenvolve a criatividade, interage pertinentemente com o professor e os colegas, tornando as práticas letivas mais interessantes e apelativas, originando aprendizagens efetivas. A nível futuro este espírito será fulcral para que este aluno se torne num profissional excelente e competitivo, num líder empreendedor e com sucesso, desde que queira e se empenhe.

Bernardo Soares, semi-heterónimo de Pessoa escreveu "Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for. O êxito está em ter êxito, e não em ter condições de êxito. Condições de palácio tem qualquer terra larga, mas onde estará o palácio se não o fizerem ali?".

Termino com uma das mais simples definições de pensamento crítico, na minha ótica, a do filósofo Francis Bacon, datada de 1605:

- "O pensamento crítico é ter o desejo de buscar, a paciência para duvidar, o empenho para meditar, a lentidão para afirmar, a disposição para considerar, o cuidado para ordenar e o ódio por qualquer tipo de impostura"

Pensem, pensem muito e manifestem as vossas opiniões, presencial ou, no momento em que vivemos, preferencialmente @ distância, mas de forma Crítica. _____ Sara Freitas



Em busca do pensamento crítico



rubrica

da nossa janela...



As eleições presidenciais de 2021, em tempo de pandemia

Os resultados de uma eleição não representam, apenas, uma decisão democrática sobre uma incumbência que uma constituição atribuiu aos cidadãos. Tais resultados possibilitam sempre uma reflexão sobre o momento que uma sociedade vive.

Há necessidade de escrutinar os resultados, analisar as circunstâncias que os determinaram, debruçar-se sobre o seu percurso evolutivo. Só assim poderemos compreender o momento que vivemos e actuar em consonância com os objectivos que nos norteiam que devem ser, entre outros, o de tentar contribuir para uma sociedade mais justa e, simultaneamente, mais desenvolvida.

Olhando globalmente para os resultados vemos que eles parecem expressar aquilo que a comunicação social, de um modo geral, previamente anunciava. Uma vitória à primeira volta, folgada, de Marcelo Rebelo de Sousa. Depois, um segundo lugar, mas com pouco destaque, para Ana Gomes, uma dissidente da estratégia seguida pelo partido a que pertence, o PS. O terceiro lugar a ser ocupado por André Ventura, o representante de uma ideologia conotada com a extrema direita, mas, estranhamente ou não, com resultados muito significativos num terreno que desde a Revolução de Abril é tradicionalmente pertença de uma esquerda historicamente revolucionária.

Os outros três candidatos com substância ideológica, seja de esquerda seja de direita, João Ferreira, Marisa Matias e Tiago Mayan, representam juntos, 11,49%, menos que o valor total dos votos de André Ventura. Só que os dois primeiros parecem percorrer um caminho descendente, enquanto o último um caminho, ainda curto, mas ascendente.

Tino de Rans, é isso mesmo, um candidato de Rans que, como ele próprio insistentemente anuncia, concorre para colocar a sua freguesia no mapa, sem que daí se possam tirar quaisquer ilações sobre quais as propostas concretas que eventualmente tem para o governo do país.

Esmiuçando os resultados.

Marcelo ganha em todos os concelhos do país. É a primeira vez que, em eleições presidenciais, tal acontece. As percentagens nos concelhos, a norte da bacia do Tejo, com excepção de Lisboa, são todas superiores a 60%. A sul da bacia do Tejo, são inferiores a 60%.

Apesar de ser uma reeleição, em tempo de restrições pandémicas, votaram em Marcelo Rebelo de Sousa mais 122.473 eleitores do que em 2016. Este facto é, ainda, mais de assinalar tendo em conta que a abstenção bateu o seu recorde em eleições presidenciais. Extremamente acentuada nos concelhos onde a contaminação por Covid, por cem mil habitantes, atinge os valores mais altos em Portugal.

Com estes resultados o Sr. Presidente da República vê reforçado o seu poder interventivo na condução dos destinos do país neste tempo de incertezas quer sanitárias quer económicas.

Em onze distritos do continente, e na Madeira, André Ventura ocupou o segundo lugar: Vila Real, Bragança, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Santarém, Leiria, Beja, Faro, Portalegre e Évora, substituindo-se, na hegemonia alentejana, ao partido comunista e ao PS. No interior, do país destrona o PSD.

Por seu lado, Ana Gomes ocupou o segundo lugar em seis distritos do continente, e nos Açores: Viana do Castelo, Braga Porto, Aveiro, Coimbra, Lisboa e Setúbal.

De salientar que os distritos onde Ventura suplantou Ana Gomes são fundamentalmente os distritos do interior, com menor literacia e menor poder de compra. Ao invés, os distritos onde Ana Gomes suplanta Ventura são do litoral, com mais literacia e mais poder de compra.

Por isso a pergunta fundamental para tentar sustentar este avanço da extrema-direita, será: Donde vieram os cerca de meio milhão de votos que alimentam o projecto de André Ventura? Do PSD e do CDS, ou do BE e do PCP? Ou mesmo do PS?

Ninguém o pode afirmar com toda a certeza. Mas uma coisa se pode concluir: o Mapa Eleitoral diz-nos que onde André Ventura ganhou mais protagonismo eleitoral foi nas regiões mais desfavorecidas do País, no interior e o Alentejo. Precisamos, por isso, que os nossos governantes deixem de olhar apenas para o mar e olhem para as montanhas e para as planícies por trás das quais se estende a Europa de que fazemos parte, mas que, em termos de desenvolvimento económico, representamos a sua cauda.

A. do Ribeiro do Pinto



60,70%



12,97%



11,90%



4,32%



3,95%



3,22%



2,94%



rubrica

ciência



Leonardo da Vinci

Aqui, há uma vintena de anos, numa viagem pelos castelos do vale do Loire, em França, visitei o Castelo de Cloux, em Amboise, casa onde faleceu Leonardo da Vinci, há pouco mais 500 anos. Ao lado, percorri o interior de uma pequena casa onde estão expostas algumas das invenções inacabadas de Leonardo da Vinci, o artista e o cientista, tão viciado na perfeição que muitas das suas obras ficaram incompletas porque, pensava, que, para elas, ainda a não havia encontrado.

Há meses, foi publicada uma biografia de Leonardo da Vinci onde a autora, Francesca Fiorani, nos dá conta que o maior pintor renascentista foi, sobretudo, um cientista que procurava pintar com base nos conhecimentos que a ciência lhe facultava. Estudava óptica para pintar as sombras, estudava anatomia para esculpir os músculos, estudava a velocidade dos ventos para construir asas.

As pinturas de Leonardo da Vinci são hoje, na generalidade, bem conhecidas, mas muitas das suas esboçadas invenções continuam confinadas no interior daquela casa de Amboise.

Vamos aqui recordar algumas.

Leonardo da Vinci terá construído o seu "cavaleiro mecânico", em 1495, e terá sido apresentado numa celebração do Duque de Milão. Trata-se de um proto-robô, e teria as proporções descritas no *Homem de Vitruvius*. Operava com base num sistema sofisticado de cabos, alavancas e roldanas, inspirado pelas suas observações do funcionamento dos músculos e articulações.

Em 2002, este proto-robô foi reconstruído, e constatou-se que funcionava autonomamente sendo capaz de se sentar, levantar, erguer a sua viseira e mexer os membros superiores de forma independente.

Em 1493, Da Vinci antecipou a invenção do helicóptero. Consistia numa estrutura feita de madeira, tecido e arames que era operada por quatro homens e que Leonardo da Vinci descreve deste modo:

"Se este artefato em forma de parafuso for bem construído, ou seja, feito de linho recoberto com goma e girado rapidamente, o dito artefacto em forma de parafuso vai 'perfurar' o ar com sua espiral e subirá alto".

O carro movido por energia própria, de Da Vinci pode ser visto como o primeiro carro imaginado da história.

Por outro lado, como também não incluía condutor é visto como o primeiro veículo robô imaginado da história. Os desenhos que Da Vinci fez não revelam por completo o mecanismo interno e os engenheiros modernos tiveram de imaginar o que o faria funcionar. Muitos julgam que a ideia de Da Vinci seria usar um mecanismo acionado por mola semelhante ao de um relógio.

Um tanque de guerra foi também projectado por Da Vinci. Para projectar máquinas voadoras, buscava inspiração nos movimentos e na anatomia dos pássaros. Da mesma forma, tudo indica que se tenha inspirado numa tartaruga para desenvolver o tanque de guerra. A blindagem seria feita de madeira, recoberta com folhas de metal como os escudos militares. Era encimado por uma torre de observação. Tinha inclinação para que os projecteis arremessados contra o tanque tivessem de atravessar uma percentual maior área da blindagem e devido ao formato arredondado seria possível armá-lo com vinte canhões dispostos em círculo de modo a atirar para qualquer dos lados donde o inimigo se apresentasse.

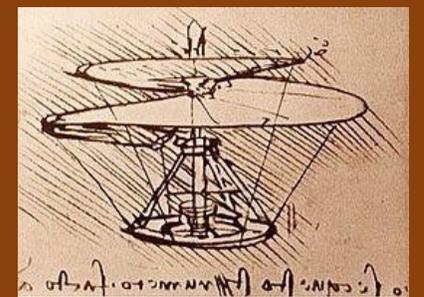
Muito antes da invenção do avião, Leonardo Da Vinci já pensava em maneiras de cair suavemente de grandes alturas. O equipamento é semelhante ao paraquedas atual, só que em formato de pirâmide. A ideia de Da Vinci foi aprimorada e ganhou grande utilidade séculos depois, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial.

O modelo original foi testado 500 anos depois de ser criado, em 25 de junho de 2000, pelo britânico Adrian Nicholas. Desafiando as previsões de especialistas de que não iria funcionar, Nicholas construiu um paraquedas idêntico ao de Da Vinci e lançou-se ao ar sobre a África do Sul numa aventura bem sucedida.

Mota Reis



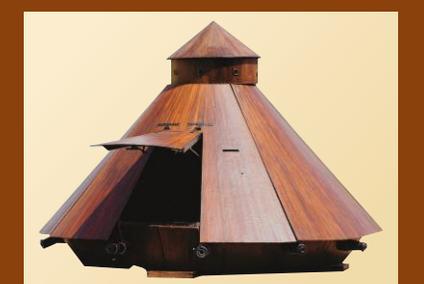
cavaleiro mecânico



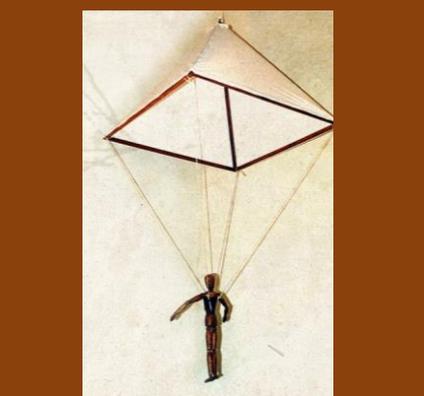
helicóptero



veículo «robô»



tanque de guerra



paraquedas



os nossos colaboradores



Inês de Castro, em Polvoreira, em 1340?

Qualquer sítio digital nos diz que Inês de Castro é filha de D. Pedro Fernandes de Castro, conhecido como "O da Guerra".

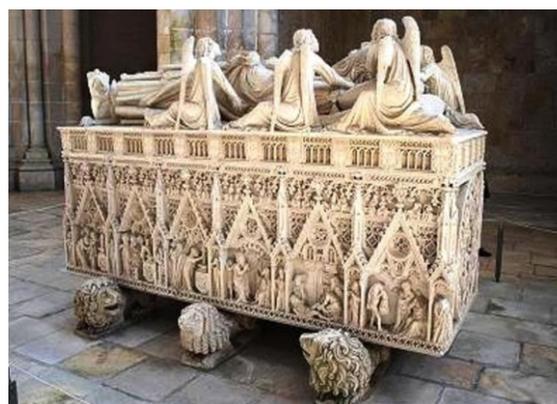


Mas tais sítios falam, de seguida, dos feitos do nobre galego, das suas origens ou dos descendentes que deixou. Pouco explicitam, todavia, sobre sua infância. O pai de Pedro Fernandes de Castro morreu muito novo, com apenas vinte e quatro anos de idade, deixando-o órfão cedo. Por essa altura, 1304, Martim Gil, o neto do nosso Gil Martins, era o Alferes-mor do reino. Sendo filho de Milia de Castro, era membro da prestigiada família dos Castros da Galiza. Acontecia que, à data, era Martim Gil o único representante varão dos Castros, em idade adulta, mas por via matriarcal, já que haviam morrido, em circunstâncias variadas, todos os varões descendentes por via patriarcal, dessa família. Daí ter sido a si que coube a tutoria de Pedro Fernandes de Castro.

Dadas as funções que, então, desempenhava - para além das de Alferes-mor, as de mordomo da Rainha e, mais tarde, as de mordomo do infante, Afonso - Pedro Fernandes deve, com muita probabilidade, ter sido criado na corte de D. Dinis. Alguns historiadores referem que teria tido um aio, D. Lourenço Soares de Valadares. Este nobre da casa de Valadares tinha ascendência na família Ribavizela, pois era neto de Dona Mor Martins, filha de Martim Fernandes, tio avô de Gil Martins e que fora Mordomo-mor de Afonso II e aio de Sancho, que, como sabemos, foi criado em Polvoreira. Se foi aio, deixou de o ser ainda antes de Pedro Fernandes ficar órfão. Na verdade, tendo sido rico-homem nas cortes de Afonso III e de D. Dinis e seu escutado conselheiro, deixou de haver referências documentais dele desde finais do século XIII, presumindo-se daí que teria falecido ainda antes de se iniciar o novo século.

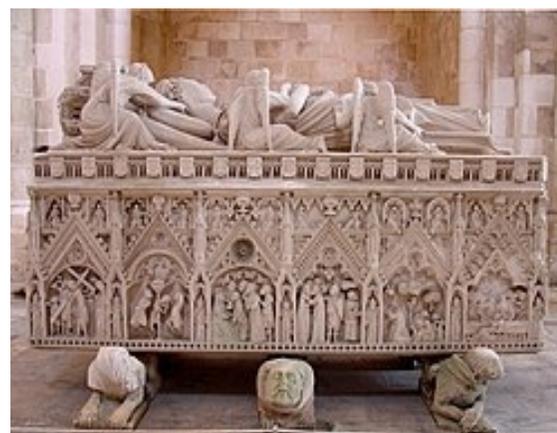
De qualquer forma, este D. Lourenço Soares de Valadares foi pai de dez filhas e uma delas chamava-se Aldonça. Pedro de Castro e esta Aldonça foram pais de dois filhos. À filha deram o nome de Inês, o nome da tia-avó de Pedro, Inês Fernandes de Castro que era, afinal, também, a bisavó de Violante Sanchez, a mulher do neto do nosso Gil Martins, seu tutor, Martim Gil.

É esta realidade que, certamente, explica o percurso que seguiu Inês de Castro, quando foi intimada a abandonar o reino por imposição de Afonso IV. Há autores que indicam que Inês de Castro viveu parte da sua infância, não na Galiza como referem, também, vários sítios digitais, mas antes, no Castelo de Albuquerque, que sua parente, Teresa Martins, a cunhada de Martim Gil II, juntamente com Afonso Sanches, mandara reconstruir. Certo é que, Inês, ao ser expulsa de Portugal, encontrou acolhimento em Albuquerque, do senhorio de Teresa Martins, já, então, viúva, e que era - com o filho, João Afonso de Albuquerque - a titular do Padroado de Polvoreira.



Ou seja é muito provável que nas suas deslocações ao seu Padroado, a Polvoreira, Teresa Martins trouxesse na sua comitiva Inês de Castro e, religiosa como era, com ela frequentasse a sua Igreja.

D. Pedro ficou para a história como "O Justiceiro", ou mesmo "O Cruel". Fernão Lopes, que foi cronista do reino e guarda-mor da Torre do Tombo, na sua "Crónica de D. Pedro", que felizmente chegou até nós, dá conta que o rei mandou "*cortar aqueles membros que os homens em maior apreço têm*" a um seu escudeiro, a quem estimava muito, por ele se ter envolvido intimamente com a mulher do Corregedor da corte.



Mas se era impiedoso com o amor proibido de seus súbditos, era extremamente condescendente com o seu amor proibido por D. Inês.

Já cadáver, fez D. Pedro, de Inês rainha e, com pompa e circunstância, obrigou a sua rico-homia cortesã ao cerimonial do beija-mão que uma coroação exige. Em simultâneo mandou construir dois monumentos funerários sumptuosos, no Mosteiro de Alcobaça, um para si, outro para sua amada, para perdurarem juntos por toda a eternidade.

Nuno André O.E. Abreu



info

paróquia

A Missão do Pároco na Paróquia segundo o Código de Direito Canónico

“Para o atual CDC, além de ser o promotor da comunhão, o Pároco é também o promotor do apostolado em sua paróquia. O direito exorta-o a reconhecer e a promover a missão dos leigos na Igreja. Junto com o Bispo diocesano e o presbitério deve fazer com que os fiéis se sintam membros da Igreja Católica e Arquidiocesana vivendo em comunhão com os projetos de ambas. O Pároco é o promotor da dimensão apostólica da paróquia. Um dos instrumentos que evidenciam o novo conceito de paróquia comunidade participativa são os conselhos de fiéis da paróquia: o conselho pastoral paroquial e o conselho de assuntos económicos, os quais são presididos pelo Pároco.

Outro dever é o de Administrar com zelo os bens pertencentes à Paróquia. O direito canónico afirma de forma categórica que o Pároco é o representante jurídico da paróquia.

Portanto, todos os negócios jurídicos devem ser celebrados pelo Pároco. Uma paróquia celebra muitos negócios jurídicos com muitas pessoas tanto físicas e jurídicas, como por exemplo: contratos de compra e venda, contratos de trabalhos, aquisição e alienação de bens, heranças de terceiros à paróquia (vontades e fundações pias), contendas nos tribunais, cuja paróquia é uma das partes litigantes etc. Por essa razão, é o Pároco que representa a paróquia nesses assuntos, zelando pelo seu património. Para evitar o perigo dos desvios das doações e os dízimos, o direito estipula que as ofertas dos fiéis devem ser remetidos ao fundo paroquial comum. Esta Administração deve ser transparente e devidamente escrutinada.

O Pároco deve cuidar com especial zelo do arquivo paroquial, que pode ser classificado como património histórico da paróquia. A negligência deste dever prejudicará enormemente a muitos que dependem dele. Por isso, o Pároco deve conservar os livros prescritos pelo direito universal e particular preenchendo-os e guardando-os”.

O Papa Francisco e a vocação sacerdotal

O Papa Francisco, por ocasião da Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Italiana, realizada em Maio, de 2019, anunciou não querer oferecer ali uma reflexão sistemática sobre a

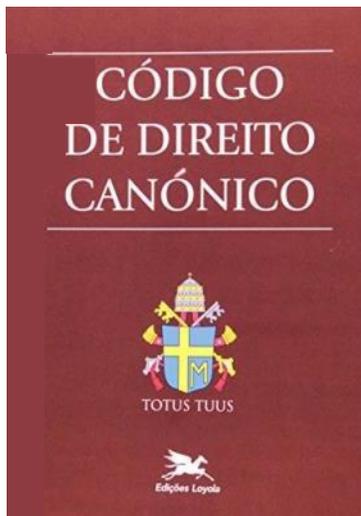


figura do sacerdote, o que entendia dever ser um sacerdote. Antes queria, aproximar-se de um pároco, em bicos de pés, e olhá-lo no rosto. Concluiu, depois de o olhar:

- "Um sacerdote não é um burocrata é estruturalmente um missionário. Para se decidir sobre a vocação de alguém ser sacerdote, o critério decisivo está na sua capacidade de relacionar com os outros... Neste tempo pobre de fazer amizades, por meio de compromissos é possível construir uma comunidade fazendo a abertura ao relacionamento. Mais que pretender ser um líder, com uma missão a cumprir, deve ser ele mesmo, o pároco, pertença do povo. O pároco deve ser estruturalmente missionário, distante da procura de autorreferencialidade que o isola e aprisiona.

O pároco não é um burocrata, um funcionário de uma instituição na procura de segurança terrenas ou títulos honoríficos. A simplicidade deve ser o seu estilo. O sacerdote deve ter uma vida simples focada no essencial, tornando-se credível aos olhos das pessoas. É isso que o aproxima dos humildes numa caridade pastoral que o torna livre e solidário. **O pároco deve ter uma verdadeira comunhão com os leigos, valorizando sempre a participação de cada um, liberto do narcisismo e de ciúmes clericais."**

O Papa terminou a sua intervenção deixando um desafio aos bispos, convidando-os a fazer uma renovação do clero que inclua uma visão evangélica sobre a gestão das estruturas e dos bens da Igreja.



JANELA DA SAUDADE

FALECEU
 António Gomes de Almeida
 Rua de S. Pedro 1061
 Polvoreira - Guimarães



Aniversário de Falecimento
 D. Maria de Belém Soares de Oliveira
 Polvoreira, Guimarães



FALECEU
 Alberto Carlos de Freitas Xavier
 Rua da Vila Florora, 126
 Polvoreira, Guimarães



Memorial



AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



253 523 580 966 037 910
 253 524 057 966 618 931
 funerariasapetro@sapo.pt



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDO
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

